



Dois momentos de Mailson: com Sarney e no Senado.



Empréstimo-ponte: Milliet desconversa.

O presidente do BC não nega a notícia, mas a considera "incorreta". Porém, uma fonte de Washington confirma.

O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, diz que a notícia de que o Brasil está querendo um empréstimo-ponte que envolve o governo americano "é incorreta", mas uma fonte do governo americano a confirmou, ontem, com algum espanto, acrescentando:

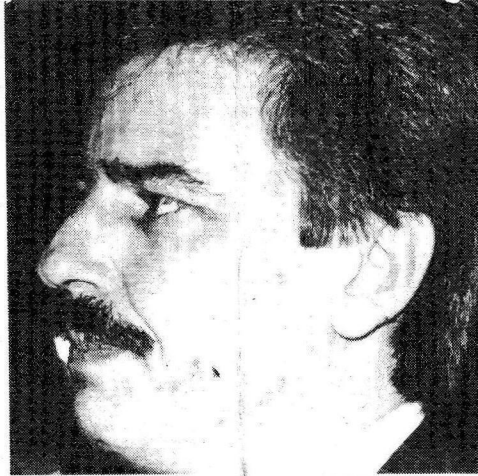
"A iniciativa foi tomada pelo Brasil, e tem poucas chances de sucesso". O espanto da fonte do governo americano era justificável. "Se o Brasil ganhar este empréstimo, terá conseguido uma mudança substancial em nossa política — política de manter a linha dura com o Brasil, e "não a de premiá-lo por causa de sua moratória".

O Brasil está querendo o empréstimo-ponte para atravessar o período que vai até a conclusão de um acordo para a dívida, de médio prazo, talvez em junho. "Mas ainda há resistências", como informou uma fonte brasileira que acompanha de perto as negociações, e que também acrescentou:

"Não se trata, exatamente, de uma nova iniciativa. Houve conversas no Brasil, e também aqui, nos Estados Unidos. Estamos procurando caminhos para varar os primeiros seis meses. Isto é algo que já estava subentendido em contatos anteriores. O empréstimo-ponte é apenas uma das hipóteses aventadas. Outra foi a conta em caução, no Banco Internacional de Compensação da Basileia (BIS). Não nos fixamos ainda em nenhum dos caminhos. As conversas têm sido mantidas a nível de bancos, um pouco, e também com as autoridades americanas".

A fonte brasileira garantiu que "nada existe ainda de formal", e que as negociações estão apenas começando, com todos procurando um tipo de entendimento.

Quando consultado, ontem, ao final da tarde, o embaixador brasileiro em Washington, Marcílio Marques Moreira, confirmou que teve um contato com David Mulford, subsecretário do Departamento do Tesouro, logo que voltou do Brasil, anteontem. "Mas sempre tive contato com o Mulford. Somos amigos há 15 anos, e ele é um dos nossos



Milliet: conversações difíceis nos EUA.

principais interlocutores na área do governo." Para ele, a idéia do empréstimo-ponte ainda está "no embrião".

Um banqueiro que esteve com o presidente do Banco Central, Fernando Milliet, disse ao JT que "não conversamos sobre um empréstimo-ponte, mas imagino que ele seja necessário para cobrir o vazio deixado com o não-pagamento dos juros a partir de janeiro, como estava previsto".

As reuniões de Nova York tiveram alguns momentos de muita tensão, como contou uma testemunha. "Só não se chegou à troca de insultos por pouco." A divergência dos últimos dois dias foi sobre se o Brasil se comprometeu, ou não, a começar o pagamento regular dos juros de 1988 a partir de janeiro. E neste contexto que se deve entender a procura de novos caminhos que levem para fora do impasse, como o de um empréstimo-ponte.

A notícia causou alguma estranheza entre fontes do governo americano, até ser confirmada. "A idéia existe, sim, e foi proposta pelos brasileiros", disse uma delas. E

acrescentou: "Os bancos, supostamente, a apóiam, e por um motivo simples: estariam reduzindo, assim, a sua participação num novo financiamento para o Brasil. O assunto tem sido discutido, mas não conta com apoio oficial".

Uma outra fonte considerou a informação "maluca", e deu o motivo: "Como é que se pode pedir um empréstimo-ponte até a conclusão de um acordo que não se sabe quando será concluído? Este acordo é algo completamente incerto. Uma hipótese. Se isto for concedido ao Brasil, estaremos vendendo uma grande e substancial mudança de política do governo norte-americano".

A política oficial do Departamento do Tesouro seria a de isolar o Brasil, ajudando o México e a Argentina. "Por que premiar o Brasil? Por causa da sua moratória? Por causa de sua atitude de confronto? — perguntou uma fonte.

O presidente do Banco Central, Fernando Milliet, e seus assessores, Antonio de Pádua Seixas e Sérgio Amaral, não revelam as conversas difíceis que têm enfrentado no comitê de bancos credores. Nem partilham o "drama" das negociações manifestado por alguns banqueiros. Para a imprensa, eles dizem que "estão otimistas", ou que "as coisas estão andando", e que a discussão em torno dos juros de 1988 "não atrapalham", confirmando, no entanto, a insistência com que os bancos estão querendo receber regularmente os juros, a partir deste mês.

Fernando Milliet é aguardado hoje em Washington, onde manteria contatos, principalmente, com o Departamento do Tesouro. Ele parece ter descartado uma visita ao FMI, pelo menos agora, como disse numa rápida entrevista que concedeu ontem, em Nova York. Para ele, se começar uma negociação com o FMI, "haverá uma maior participação do Ministério da Fazenda", com a chegada de um reforço de negociadores...

Moisés Rabinovici, nosso correspondente em Washington